

Tradução, prefácio e notas de
A. Lobo Vilela

Editorial Inquérito, Lda.

Direitos reservados por
Editorial Inquérito, Lda.

Nenhuma parte desta publicação pode ser re-
produzida ou transmitida na presente forma
por qualquer processo, electrónico, mecânico
ou fotográfico, incluindo fotocópia, xerocópia
ou gravação, sem autorização prévia e escrita
do editor. Exceptua-se naturalmente a transcri-
ção de pequenos textos ou passagens para apre-
sentação ou crítica do livro. Esta excepção não
deve de modo nenhum ser interpretada como
sendo extensiva à transcrição de textos em re-
colhas antológicas ou similares donde resulte
prejuízo para o interesse pela obra. Os trans-
gressores são passíveis de procedimento judicial

Editor: Francisco Lyon de Castro

EDITORIAL INQUÉRITO, LDA.
Travessa da Queimada, 23, 1.º, Dt.º
1200 LISBOA
PORTUGAL

Edição n.º 818107/0086

Execução técnica:
Gráfica Europam, Lda.,
Mira-Sintra — Mem Martins

CADERNOS CULTURAIS

PLATÃO

MÉNON OU DA VIRTUDE

Tradução, prefácio e notas de

A. LOBO VILELA

3.ª edição



EDITORIAL INQUÉRITO LIMITADA
LISBOA

PERSONAGENS

MÉNON

SÓCRATES

UM ESCRAVO DE MÉNON

ÂNITO

MÉNON

70
Serás capaz de me dizer, Sócrates, se a virtude se adquire pelo ensino ou pelo exercício, ou se não depende do exercício nem do ensino e existe nos homens como um dom da natureza, ou de qualquer outra forma? a

SÓCRATES

Noutro tempo, Ménone, eram famosos e admirados, entre os helenos, os tessálios pela sua habilidade na equitação e pela riqueza; actualmente, segundo tenho ouvido, também o são pelo saber, particularmente os concidadãos do teu amigo Aristipo de Larissa. Deveis isto a Górgias, que, tendo ido a essa cidade, cativou com a sua ciência os principais dos Alêuadas, entre eles o teu amigo Aristipo, e dos outros tessálios. Foi ele quem vos acostumou a responder, com firmeza e em tom imperioso, às questões que vos propõem, como é natural que respondam os sábios, tanto mais que ele próprio se põe à disposição dos gregos que o queiram interrogar acerca de qualquer tema, e nunca deixou nenhum sem resposta. Mas aqui¹, meu caro Ménon, sucedeu o contrário. Não sei que espécie de consumpção se apoderou da ciência, que parece ter-nos abandonado para se refugiar entre vós. Se te lembrasses de fazer tal pergunta a qualquer pessoa desta terra, não haveria

¹ Em Atenas.

uma só que se não risse e não te dissesse: «Tomas-me, sem dúvida, por um ser excepcional, forasteiro, pois me julgas capaz de saber se a virtude pode ensinar-se ou se há algum outro meio de a adquirir. Estou tão longe de saber se é ou não susceptível de se ensinar, que até desconheço em que ela possa consistir.» Eu, Ménon, estou no mesmo caso. Compartilho, nesta matéria, da indigência dos meus concidadãos, e censuro-me por não saber nada acerca da virtude. Efectivamente, não sabendo o que ela seja, como poderia eu conhecer as suas qualidades? Achas possível, que alguém que não conheça Ménon, saiba que é belo, rico, nobre, ou o contrário de tudo isto? Julgas isso possível?

MÉNON

Não. Mas será verdade, Sócrates, que ignoras em que consiste a virtude? Hei-de contar de ti semelhante coisa, quando regressar ao meu país?

SÓCRATES

Não só terás de dizer isso, meu caro amigo, mas ainda que nunca encontrei ninguém que o saiba, segundo me parece.

MÉNON

Que dizes? Não viste Górgias quando ele aqui esteve?

SÓCRATES

Vi, sim.

MÉNON

E pareceu-te que ele não o sabia?

SÓCRATES

Não me lembro bem, Ménon, e não posso dizer-te neste momento que impressão ele me produziu naquela altura. Talvez soubesse o que é a virtude, e tu te lembres ainda do que ele dizia a esse respeito. Vê lá, então, se consegues recordar-te das suas palavras, ou, se preferes, explica-mo por palavras tuas, pois, sem dúvida, neste assunto pensas como ele.

MÉNON

Certamente.

SÓCRATES

Deixemos Górgias, visto que não está presente. Diz-me tu, Ménon, pelos deuses, em que consiste a virtude. Fala, dá-me esse prazer, a fim de que, verificando que tu e Górgias sabem o que ela é, eu possa regozijar-me por ver desvanecido o meu erro, visto ter afirmado que nunca encontrei quem o soubesse.

MÉNON

Não é difícil, Sócrates. Em primeiro lugar, se queres referir-te à virtude dum homem, é evidente que consiste em ser capaz de administrar os assuntos da cidade, e, administrando-os, favorecer os amigos e prejudicar os inimigos, acautelando-se para não sofrer o mesmo. Se se trata da virtude duma mulher, não é difícil responder que consiste, primeiro do que tudo, em governar bem a sua casa para a manter em bom estado, e em mostrar-se submissa ao marido. Há também uma virtude peculiar às crianças dum e doutro sexo; há outra própria dos anciãos; existe igualmente a que é própria do homem livre e a que convém ao escravo. Em suma, há uma infinidade de virtudes. Não vejo, pois, dificuldade em dizer o

que ela seja, porquanto cada profissão, cada idade, cada acção tem a sua virtude particular. Com respeito ao vício, Sócrates, penso o mesmo.

SÓCRATES

Que afortunado sou, Ménon! Buscava uma só virtude e apresentas-me um enxame delas! Mas, insistindo nesta imagem, se eu desejasse que me esclarecesses acerca da natureza das abelhas, e tu me respondesses que há muitas abelhas e de várias espécies, que dirias se eu te perguntasse: «Quando afirmas que existem muitas abelhas e de várias espécies, diferentes umas das outras, queres dizer que são diversas como abelhas, ou que se distinguem noutras coisas, por exemplo, no que diz respeito ao tamanho, à beleza ou a quaisquer qualidades do mesmo género?» Diz-me, que responderias a tal pergunta?

MÉNON

Diria que as abelhas, tomadas como abelhas, não diferem umas das outras.

SÓCRATES

Se eu acrescentasse: «Diz-me, Ménon, em que consiste aquilo em que se assemelham e que as torna idênticas?» Poderias dar-me resposta satisfatória?

MÉNON

Sem dúvida.

SÓCRATES

Pois bem, o mesmo acontece com as virtudes. Embora existam muitas e de várias espécies, todas têm uma essência comum que faz delas virtudes. Ora é a esta es-

sência que deve atender quem pretenda elucidar a pergunta: «em que consiste a virtude?» Compreendes o que quero dizer?

MÉNON

Parece-me que sim. Todavia não apreendo, tão claramente como desejava, o sentido da tua pergunta.

SÓCRATES

É somente em relação à virtude que distingues, Ménon, uma que é própria do homem, outra da mulher, e assim por diante? Ou pensas o mesmo em relação à saúde, à grandeza ou à força? Parece-te que a saúde não é o mesmo na mulher e no homem? Ou terá, porventura, a mesma natureza onde quer que exista, no homem ou em qualquer outro ser?

MÉNON

Parece-me que a saúde é a mesma coisa no homem e na mulher.

SÓCRATES

Não poderás dizer outro tanto da grandeza e da força? Se uma mulher é forte, sê-lo-á graças à mesma força que o homem? Quando digo «a mesma força», subentendo que a força, como força, não difere em nada de si mesma, por se encontrar num homem ou numa mulher. Notas alguma diferença?

MÉNON

Nenhuma.

SÓCRATES

73 E a virtude, será diferente de si mesma, como virtude, conforme se encontre numa criança ou num ancião, numa mulher ou num homem?

MÉNON

Este caso, Sócrates, não me parece inteiramente semelhante aos precedentes.

SÓCRATES

Qué? Não me disseste que a virtude dum homem consiste em administrar bem os negócios públicos, e a da mulher em governar bem a sua casa?

MÉNON

Sim.

SÓCRATES

É possível administrar bem uma cidade, uma casa, ou qualquer outra coisa, se não se administrarem de maneira sábia e justa?

MÉNON

Não, por certo.

SÓCRATES

b Mas administrar de maneira justa e sábia, não será praticá-lo com justiça e sabedoria?

MÉNON

Forçosamente.

SÓCRATES

Logo, a mulher e o homem necessitam da mesma coisa para serem virtuosos, ou seja, justiça e sabedoria.

18

MÉNON

Assim me parece.

SÓCRATES

Mas então uma criança ou um velho, se forem desordenados e injustos, poderão ser virtuosos?

MÉNON

De maneira nenhuma!

SÓCRATES

E se forem prudentes e justos?

MÉNON

Sim.

SÓCRATES

Portanto, todos os homens são virtuosos da mesma maneira, atendendo a que o são pela posse das mesmas qualidades.

MÉNON

É claro.

SÓCRATES

E não seriam virtuosos de maneira idêntica, se não tivessem a mesma virtude.

MÉNON

Não, certamente.

SÓCRATES

Visto que a virtude é, afinal de contas, a mesma para todos, vê se me dizes e se recordas agora o que é essa

19

virtude, segundo Górgias, e na tua opinião, de acordo com a dele.

MÉNON

d Se procuras uma definição geral que outra coisa pode ser senão a capacidade de dirigir os homens?

SÓCRATES

É isso que procuro, efectivamente. Mas, diz-me, Ménon, a virtude de uma criança ou a de um escravo, consistirá em ser capaz de dirigir o seu senhor? Parece-te que quem manda continua a ser escravo?

MÉNON

De maneira nenhuma, Sócrates.

SÓCRATES

Sim, meu caro, seria pouco razoável. Repara agora nisto: fizeste consistir a virtude na capacidade de mandar; deveremos acrescentar «justa» e não «injustamente»?

MÉNON

Acho que sim, porque a justiça, Sócrates, é virtude.

SÓCRATES

e «A» virtude, ou «uma» virtude?

MÉNON

Que queres dizer?

SÓCRATES

O que diria de qualquer outra coisa. Por exemplo, diria do que é redondo, que é «uma figura» e não simplesmente «a figura», visto haver outras figuras.

MÉNON

Exprimir-te-ias com exactidão. Afirimo também que a justiça não é a única virtude, e que há outras.

SÓCRATES

Quais são? Nomeia-as, como eu nomearia as restantes figuras se mo exigisses; indica-me as outras virtudes. 74

MÉNON

Em meu entender, a coragem é uma virtude, e são-no igualmente a temperança, a prudência, a generosidade e muitas outras.

SÓCRATES

Voltamos a tropeçar no mesmo obstáculo, Ménon. Procurando uma virtude, encontramos várias, muito embora de maneira diversa da de há pouco. Mas não conseguimos descobrir a virtude que abrange todas as outras.

MÉNON

Não posso encontrar, Sócrates, uma virtude que, como a que buscas, abranja todas as virtudes, embora possa conceber a unidade noutras coisas. b

SÓCRATES

Isso não me surpreende; mas quero tentar um esforço dentro das minhas limitadas possibilidades, a ver se conseguimos avançar neste caminho. Não ignoras, sem dúvida, que o método é o mesmo em qualquer caso. Suponhamos, por conseguinte, que te dirigiam a pergunta, a que me referia há um instante: «Ménon, que é a figura?»; e que tu respondias: «O que é redondo.» Se então te perguntassem, como eu fiz há pouco: «O que é

redondo é a figura, ou uma espécie de figura?»; dirias, evidentemente, que é uma espécie de figura.

MÉNON

De acordo.

SÓCRATES

c Sem dúvida por haver outras figuras?

MÉNON

Claro.

SÓCRATES

Se nessa altura te perguntassem quais eram essas figuras designá-las-ias?

MÉNON

Certamente.

SÓCRATES

Se te interrogarem, de maneira análoga, acerca do que é a cor, e se, respondendo tu que é o branco, o teu interlocutor objectar: «O branco é a cor, ou uma cor?» responderás que é uma cor, por existirem outras diferentes?

MÉNON

Sem dúvida.

SÓCRATES

d E se te pedissem que nomeasses outras cores, não poderias nomear outras que não são menos cores que o branco?

MÉNON

Sim.

SÓCRATES

Suponhamos ainda que o tal interlocutor prossegue no seu discurso e acrescenta: «Chegamos sempre a uma pluralidade e não é isto o que procuro. Visto que designas por um único nome diversas coisas e pretendes que todas elas são figuras, embora por vezes sejam contrárias umas às outras, diz-me que vem a ser isso a que chamas figura, e compreende tanto a recta como a curva, afirmando que a curva não é menos figura do que a recta?» Não é realmente isto que dizes?

MÉNON

Sim.

SÓCRATES

Porém, quando falas desse modo, pensas que a curva é tão recta como curva, e a recta tão curva como recta?

MÉNON

De modo nenhum.

SÓCRATES

No entanto, sustentas que a curva não é mais figura do que a recta, nem ao invés.

MÉNON

É verdade.

SÓCRATES

Então a que se chama figura? Vê se mo explicas. Se respondesses, a quem te interrogasse desta maneira acerca

da figura e da cor: «Homem! Não sei o que queres, nem entendo o que dizes», o teu interlocutor mostrar-se-ia surpreendido e replicaria: «Não compreendes que procuro o que têm de comum todas estas coisas?» Vejamos, Ménon! Não saberias responder, se te perguntassem o que existe de comum na curva, na recta e nas restantes figuras? Deves tentá-lo! Servir-te-á de preparação para a resposta que deres em relação à virtude.

MÉNON

Preferia que o disseses tu, Sócrates.

SÓCRATES

Tens muito empenho nisso?

MÉNON

Muitíssimo.

SÓCRATES

E acederás, em troca, a falar acerca da virtude?

MÉNON

Sim.

SÓCRATES

Pois seja como queres! Isso vale a pena.

MÉNON

Sem dúvida.

SÓCRATES

Vamos lá a isto: vou procurar explicar-te o que é uma figura. Vê se te parece aceitável esta definição: chamo figura à única coisa que acompanha sempre a cor.

Serve-te esta, ou queres procurar outra definição? Quanto a mim, se me respondesses com igual clareza acerca da virtude, não pediria mais.

MÉNON

Mas a tua definição é ingénua, Sócrates!

SÓCRATES

Porquê?

MÉNON

Na tua opinião, figura é o que anda sempre associado à cor. Ora bem; se o teu interlocutor decaisse ignorar o que é a cor, e ter a respeito dela as mesmas dificuldades que a respeito da noção de figura, que pensarías da tua resposta?

SÓCRATES

Que é verdadeira. Se eu tivesse de haver-me com um desses homens hábeis que só buscam controvérsias e contendas, dir-lhe-ia: «Dei a minha resposta. Se não é justa, cabe-te a ti tomar a palavra e refutar-me!» Mas, tratando-se de dois amigos, como nós, que querem conversar, deve-se replicar mais brandamente, de maneira mais conforme com as leis da dialéctica, segundo as quais se deve, não só responder a verdade, mas também fundamentar a resposta unicamente naquilo que o interlocutor reconhece saber. E é desta maneira que vou tentar explicar-me. Diz-me: chamas a alguma coisa «fim», isto é, limite e extremidade? Estas três palavras exprimem a mesma ideia, ainda que Pródico talvez o não admitisse; mas tu dizes indiferentemente duma coisa que é limitada ou finita. É isto que quero dizer e nada tem de misterioso.

MÉNON

Certamente, emprego todas essas palavras, e julgo compreender-te.

SÓCRATES

16 Não chamas a alguma coisa «superfície» e a outra coisa «sólido», como se faz, por exemplo, em geometria?

MÉNON

Sem dúvida.

SÓCRATES

Então, poderás compreender o que entendo por figura. Digo, em geral, que uma figura é o que limita o sólido, ou, ainda mais concisamente, definirei a figura como limite do sólido.

MÉNON

E a que chamas cor, Sócrates?

SÓCRATES

Zombas de mim, meu caro Ménon! Carregas com o peso das tuas embaraçosas perguntas um pobre velho como eu, e não queres, em paga, avivar as tuas lembranças para me dizer em que consiste a virtude, segundo Górgias.

MÉNON

Dir-to-ei, Sócrates, mas só depois de responderes à minha pergunta.

SÓCRATES

Até de olhos vendados, Ménon, se percebe na tua maneira de falar que és belo e que não te faltam admiradores.

26

MÉNON

Porquê?

SÓCRATES

Porque são ordens todas as tuas palavras. É assim que falam os jovens quando são belos, habituados a exercer uma espécie de tirania enquanto estão na flor da idade. Talvez tenhas notado, também, o meu fracço pela beleza. Enfim, de qualquer forma, serei complacente contigo e responder-te-ei.

MÉNON

Sim, dá-me esse prazer.

SÓCRATES

Queres que te responda como o faria Górgias, de maneira a poderes seguir-me facilmente?

MÉNON

Pois sim. Porque não?

SÓCRATES

Não dizem vocês, de acordo com a teoria de Empédocles, que os corpos produzem emanações?²

MÉNON

Sem dúvida.

SÓCRATES

...E que nos corpos existem poros que deixam passar essas emanações?

² Plutarco: *De Placit. Philos.*, IV, 9.

MÉNON

Exactamente.

SÓCRATES

E que algumas dessas emanções são proporcionadas a determinados poros, ao passo que outras são, ou mais delgadas ou mais grossas?

MÉNON

É verdade.

SÓCRATES

Por outro lado, há uma coisa a que se chama vista?

MÉNON

Sim.

SÓCRATES

Sendo assim, «compreende as minhas palavras», como diz Píndaro. A cor não é mais do que um fluxo de figuras, proporcionado à vista e sensível.

MÉNON

Essa resposta, Sócrates, parece-me admirável.

SÓCRATES

Talvez por não ser estranha ao vosso modo usual de discorrer: demais, assim o julgo, pensas ter encontrado nisto um meio de explicar o que seja a voz, o olfacto e muitas outras coisas semelhantes.

MÉNON

Sem dúvida.

SÓCRATES

Não sei que tem de impressionante esta minha definição, Ménon, para a preferires à das figuras.

MÉNON

Assim é, confesso.

SÓCRATES

Todavia, ó filho de Alexídemo, na minha opinião, não é tão boa como a outra. E creio que pensarías da mesma forma, se não tivesses que te ir embora antes da celebração dos mistérios, como anunciaste ontem, e pudesdes ficar para ser iniciado.

MÉNON

De bom grado ficaria, Sócrates, se quisesse dedicar-me muitas conversas como esta. 77

SÓCRATES

Se isso depende da minha vontade, não o recusarei, tanto por ti como por mim. Mas receio não ser capaz de dizer-te muitas coisas semelhantes. Seja como for, trata agora de cumprir a promessa que me fizeste de definir a virtude em geral, e não continues a fazer várias coisas duma só, como se diz, por brincadeira, dos que partem qualquer coisa. Deixa, pois, ficar íntegra e intacta a virtude e diz-me em que consiste, conforme os exemplos que te apresentei. b

MÉNON

Pois bem, Sócrates, parece-me que a virtude consiste, como diz o poeta, em «amar as coisas belas e procurá-las». Assim, chamo virtude ao desejo das coisas belas, unido à capacidade de procurá-las.

SÓCRATES

Pensas que desejar as coisas belas é desejar as boas?

MÉNON

Sem dúvida.

SÓCRATES

Haverá, porventura, homens que desejem as coisas más, e outros que desejem as boas? Não te parece, meu caro, que todos desejam o que é bom?

MÉNON

De maneira nenhuma.

SÓCRATES

Haverá então quem deseje o que é mau?

MÉNON

Sim.

SÓCRATES

Queres dizer que tomam por bom o que é mau, ou que desejam o mau, não obstante saberem que o é?

MÉNON

Julgo possível tanto um como outro caso.

SÓCRATES

Que dizes, Ménon? Crês que se possa desejar uma coisa, reconhecendo-se que é má?

MÉNON

Creio.

SÓCRATES

Que entendes por desejar uma coisa? Aspirar a que essa coisa pertença a quem a deseja?

MÉNON

Certamente, que chegue a ser sua.

SÓCRATES

Mas o homem que deseja o mal imagina que o mal lhe será vantajoso, ou sabe, porventura, que o prejudica?

MÉNON

Uns pensam que o mal pode ser vantajoso, outros julgam-no prejudicial.

SÓCRATES

Crês que apreciar o mal como útil equivalha a conhecê-lo como mal?

MÉNON

Não me atreveria a afirmá-lo.

SÓCRATES

Não será, pois, evidente que eles desejam o mal, visto que o não conhecem como mal, mas que desejam o que supõem ser um bem e que é realmente um mal? Assim, aqueles que ignoram que uma coisa é má e que a supõem boa, desejam manifestamente o bem. Não te parece?

MÉNON

Efectivamente assim parece.

SÓCRATES

Analisemos a questão mais a fundo: Os que desejam o mal, sabendo, como dizes, que ele prejudica quem há-de suportá-lo, sabem que lhes será nocivo?

MÉNON

Necessariamente.

SÓCRATES

7 8 E não sabem que o nocivo faz sofrer na medida em que é nocivo?

MÉNON

Com certeza.

SÓCRATES

E que se é desgraçado quando se sofre.

MÉNON

Assim o creio.

SÓCRATES

Haverá algum homem que queira sofrer e ser desditoso?

MÉNON

Parece-me que não, Sócrates.

SÓCRATES

Se não há quem tal deseje, Ménon, ninguém desejará o mal. Sofrer, que é, efectivamente, senão querer o mal e procurá-lo?

MÉNON

Parece-me que tens razão, Sócrates, e que ninguém desejará o mal.

SÓCRATES

Não disseste há pouco, que a virtude consiste em querer o bem e em poder alcançá-lo?

MÉNON

Sim, disse.

SÓCRATES

Não é verdade que, desses dois termos, o querer é comum a todos os homens, e que, a este respeito, nenhum homem é melhor que o seu semelhante?

MÉNON

Concordo com isso.

SÓCRATES

Logo, é evidente que se uns valem mais que os outros será em relação ao poder.

MÉNON

Sem dúvida.

SÓCRATES

De modo que, segundo a tua definição, a virtude não é mais do que a faculdade de se procurar o bem.

MÉNON

Parece-me, Sócrates, que realmente assim é.

SÓCRATES

Examinemos se é verdade, pois pode ser que tenhas razão. Dizes que a virtude consiste na capacidade de adquirir o bem?

MÉNON

Sim.

SÓCRATES

E chamas bens, por exemplo, à saúde e à riqueza? E, também, à posse de ouro e de prata, e aos cargos e honrarias da cidade? Dás a estas e a outras coisas o nome de bens?

MÉNON

Sim. Chamo bens a todas essas coisas.

SÓCRATES

Está bem. Portanto, na opinião de Ménon, hóspede do grande rei³, por seu pai, a virtude consiste em se obter ouro e prata. A esta ideia de aquisição juntas as palavras «justamente» e «santamente», ou acha-las desnecessárias? Parece-te que uma aquisição injusta pode qualificar-se de virtuosa?

MÉNON

De maneira nenhuma, Sócrates.

³ Os Aléuadas, a cuja família pertenciam Ménon e Aristipo, estavam ligados com o rei da Pérsia pelos laços da hospitalidade, como homenagem pelos serviços prestados a Xerxes nas guerras Médicas.

— Pausânias, VII; Xenofonte, *Anabase*, II.

SÓCRATES

E de maldade?

MÉNON

Sem sombra de dúvida.

SÓCRATES

Consequentemente, a aquisição deve ser acompanhada de justiça, temperança, santidade ou qualquer outra parte da virtude, sem o que não poderá ser considerada virtude, ainda que proporcione bens.

MÉNON

Como poderia ser virtude sem isso?

SÓCRATES

Renunciar ao ouro e à prata para si e para os outros, quando a sua aquisição for injusta, não seria também virtude?

MÉNON

Evidentemente.

SÓCRATES

Logo, a aquisição de tal categoria de bens não constitui melhor virtude do que o facto de renunciar a eles, e chamaremos virtude a tudo quanto é acompanhado de justiça; e ao que se não encontra neste caso chamaremos vício.

MÉNON

Parece-me necessário que assim seja.

SÓCRATES

Mas, não dissemos há pouco que todas estas qualidades, a justiça, a temperança, e outras semelhantes, eram partes da virtude?

MÉNON

Sim.

SÓCRATES

Com certeza estás zombando de mim, Ménon!

MÉNON

Porquê, Sócrates?

SÓCRATES

Porque, tendo-te eu pedido que não quebrasses a virtude, fazendo-a em pedaços, e embora te oferecesse modos para preparares a resposta em harmonia com eles, não fizeste caso nenhum de tudo isto e dizes, por um lado, que a virtude consiste em se procurarem bens com justiça, e por outro que a justiça é uma parte da virtude.

MÉNON

É verdade.

SÓCRATES

A virtude consistiria, então, em dar às acções uma parte da virtude, pois admities que a justiça, bem como as outras qualidades que enunciámos, é uma parte da virtude.

MÉNON

Que significa tudo isso?

36

SÓCRATES

Pedi-te uma definição geral da virtude, e tu, longe de me satisfazer, declaras que toda a acção é virtude quando for acompanhada dum parte da virtude, como se já me tivesses explicado o que é a virtude em geral, e eu pudesse reconhecê-la nos pedaços em que a dividiste. Parece necessário, portanto, querido Ménon, repetir a minha pergunta acerca da natureza da virtude, se é certo que toda a acção é virtude quando acompanhada dum parte da virtude, pois dizer que a virtude é acção acompanhada de justiça, equivale a isso. Que te parece? Achas desnecessário insistir nesta questão, e crês possível saber em que consiste uma parte da virtude, não se conhecendo a própria virtude?

MÉNON

Não o creio.

SÓCRATES

Deves estar lembrado de que há pouco, quando eu te respondia a propósito da figura, pusemos de parte uma definição por se apoiar no que não passava de problema e supor admitido aquilo que ainda o não estava.

MÉNON

E fizemos bem em pô-lo de parte, Sócrates.

SÓCRATES

Então, meu caro, quando buscamos o que é a virtude em geral, não julgues possível explicar a sua natureza, a ninguém, fazendo entrar na resposta as partes da virtude, como não seria possível definir qualquer outra coisa utilizando semelhante método. Convence-te de que substituiria a mesma pergunta: Que vem a ser essa virtude

37

de que falas? Achas a minha observação destituída de valor?

MÉNON

Pelo contrário, acho-a justa.

SÓCRATES

Pois bem, visto isso, responde-me de novo: em que fazem consistir a virtude, tu e o teu amigo?

MÉNON

Eu já tinha ouvido dizer, Sócrates, antes de conversar contigo, que só sabias duvidar de tudo, e fazer duvidar os outros; e agora verifico que me fascinas o espírito com os teus sortilégios e malefícios, e me enfeitaste de tal modo que estou cheio de dúvidas. Se me permites um gracejo, dir-te-ei que te assemelhas, no aspecto e no resto, à tremelga, que deixa como que entorpecido quem lhe toca. Parece que me provocaste uma impressão análoga, porque me sinto verdadeiramente entorpecido de corpo e alma, e incapaz de te responder. Todavia tenho recorrido dezenas de vezes acerca da virtude diante de muitas pessoas, e sempre bem, segundo me parecia. Mas, neste momento, nem sequer posso dizer em que consiste. Acho que fazes bem em não querer viajar nem visitar outras regiões, porque, se fizesses noutra cidade estas coisas, depressa serias condenado como bruxo.

SÓCRATES

És astuto, Ménon, e quase me apanhaste.

MÉNON

Que queres dizer, Sócrates?

SÓCRATES

Vejo bem porque me comparaste.

MÉNON

Porque foi então?

SÓCRATES

Para eu, por minha vez, te comparar. Sei quanto apreciavam, aqueles que são belos, tais comparações, que sempre lhes são vantajosas, porque as imagens da beleza não podem deixar de ser belas. Mas não te darei imagem por imagem. Pelo que me diz respeito, se a tremelga, antes de entorpecer alguém, se sente entorpecida, eu parecer-me-ei com ela, certamente; de outro modo, não. Se desperto dúvidas nos outros, não é por saber mais do que eles; pelo contrário, é precisamente por duvidar mais do que eles; pelo contrário, é precisamente por te por duvidar mais que ninguém que levo os outros a duvidar. Neste caso, ignoro absolutamente o que é a virtude. Talvez tu o soubesses, antes de te acercares de mim, conquanto agora pareças ignorá-lo. Seja como for, quero examinar e investigar contigo em que ela consiste.

MÉNON

E como hás-de encontrar uma coisa de que não sabes absolutamente nada? Na tua ignorância, que princípio tomarás para te guiar nesta investigação? E se, por acaso, encontrasses a virtude, como a reconhecerias, se nunca a conheceste?

SÓCRATES

Compreendo, Ménon, o que queres dizer. Que magnífico argumento para uma discussão! Não é possível o ho-

mem procurar o que já sabe, nem que não sabe, porque não necessita de procurar aquilo que sabe, e, quanto ao que não sabe, não podia procurá-lo, visto não saber se quer o que havia de procurar.

MÉNON

8 > Não te parece bom esse raciocínio, Sócrates?

SÓCRATES

Decerto que não.

MÉNON

Dizes-me porquê?

SÓCRATES

Sim, porque tenho ouvido falar, homens e mulheres hábeis, em coisas divinas.

MÉNON

Que diziam?

SÓCRATES

Coisas belas e verdadeiras, a meu ver.

MÉNON

Que coisas eram essas, e quem são eles?

SÓCRATES

Sacerdotes e sacerdotizas que se aplicaram a investigar tudo quanto respeita ao seu ministério. Também tenho por verdadeiramente divinos Píndaro e outros poetas. E é isto que dizem: examina se será justo. Dizem que a alma é imortal, e tão depressa emigra (chamando-se a isto morrer) como reaparece sem nunca ser destruída;

por isso convém viver o mais piedosamente possível, «porque as almas daqueles que pagaram a Perséfone a dívida das suas antigas faltas, são devolvidas à luz do Sol, ao fim de nove anos. Destas almas saem os reis ilustres, célebres pelo seu poder, os homens notáveis pelo seu saber, honrados como santos heróis pelos mortais.»⁴ Assim, a alma imortal, nascida muitas vezes, tendo contemplado todas as coisas sobre a terra e na morada de Hádes, aprendeu tudo quanto é possível. Portanto, não é para admirar que possua, quer acerca da virtude quer de tudo o mais, reminiscências dos seus conhecimentos anteriores. Sendo solidária toda a natureza e tendo a alma prévio conhecimento de tudo, nada impedirá que, relembrando uma coisa qualquer (é a isto que os homens chamam aprender), encontre todas as outras, por si mesma, sempre que tenha coragem e não se canse de investigar. Com efeito, o que se chama investigar e aprender não é mais que recordar. Não devemos, portanto, dar crédito ao argumento, para uso de palradores, que apresentaste há pouco; tornar-nos-ia preguiçosos e só agrada aos caracteres frouxos. O meu, pelo contrário, incita ao trabalho e à investigação. É por isso que o considero verdadeiro; e quero, por consequência, investigar contigo em que consiste a virtude.

MÉNON

Está bem, Sócrates. Mas limitar-te-ás a afirmar que não aprendemos nada, e aquilo a que chamamos aprender não é mais do que recordar? Poderias demonstrar-me que é realmente assim?

⁴ Fragmento duma ode de Píndaro, que se perdeu.

SÓCRATES

Já te disse, Ménon, que és muito astuto. Perguntas-me se posso ensinar-te uma coisa, quando acabo de afirmar que não se aprende nada e que aprender se resume em recordar, para me fazeres cair em contradição comigo mesmo.

MÉNON

Não tinha essa intenção, Sócrates, por Zeus! Falei assim apenas por hábito. No entanto, se puderes mostrar-me que é como dizes, não deixes de o fazer.

SÓCRATES

Não é nada fácil, mas vou tentá-lo, para te ser agradável. Chama um dos muitos escravos que te acompanham, aquele que quiseres, e far-te-ei ver o que desejas.

MÉNON

De bom grado. Vem cá tu.⁵

SÓCRATES

É grego ou sabe grego?

MÉNON

Muito bem; nasceu em minha casa.

SÓCRATES

Toma atenção: vê se parece recordar ou se aprende comigo.

MÉNON

Estarei atento.

⁵ Dirige-se a um dos escravos.

SÓCRATES

Diz-me, rapaz, sabes que isto é um quadrado?⁶

ES CRAVO

Sim.

SÓCRATES

O espaço quadrado, não tem iguais estas quatro linhas? C

ES CRAVO

Sim.

SÓCRATES

E estas outras linhas que o atravessam pelo centro, serão também iguais?

ES CRAVO

Sim.

SÓCRATES

Não poderá haver um espaço semelhante que seja maior ou mais pequeno?

ES CRAVO

Sem dúvida.

SÓCRATES

Se este lado medisse dois pés, e este outro também dois pés; quantos pés mediria o todo? Repara bem: Se este lado fosse de dois pés e aquele de um pé somente, não é verdade que o espaço seria de um vez dois pés?

⁶ Refere-se a uma figura que desenhou provavelmente no chão.

ES CRAVO

Sim.

SÓCRATES

Mas, como o segundo lado tem igualmente dois pés, não será o mesmo que duas vezes dois?

ES CRAVO

Sim.

SÓCRATES

Portanto, o espaço é agora de duas vezes dois pés?

ES CRAVO

Sim.

SÓCRATES

Quantos são, duas vezes dois pés? Trata de fazer a conta, e diz-me o resultado.

ES CRAVO

Quatro, Sócrates.

SÓCRATES

Não se poderia fazer um espaço duplo deste, mas semelhante, tendo, como ele, todas as suas linhas iguais?

ES CRAVO

Sim.

SÓCRATES

Quantos pés mediria?

ES CRAVO

Oito.

SÓCRATES

Vamos, trata de me dizer qual será a grandeza de cada linha do novo quadrado: as deste são de dois pés; as do quadrado duplo, de quantos serão?

ES CRAVO

É evidente, Sócrates, que terão o dobro.

SÓCRATES

Estás vendo, Ménon, que nada lhe ensino e que me li-mito a interrogar? Neste momento julga saber qual é a extensão do lado dum quadrado de oito pés. Não te parece?

MÉNON

Sim.

SÓCRATES

Mas sabe-o, porventura?

MÉNON

Não, certamente.

SÓCRATES

Não está supondo que este lado seria duplo do precedente?

MÉNON

Sim.

SÓCRATES

Pois observa como a memória vai despertar sucessivamente. (*Ao escravo:*) Tu, responde-me. Dizes que o espaço duplo se forma da linha dupla? Repara bem: não

me refiro a um espaço comprido deste lado e curto daquele, pretendo uma superfície como esta, igual em todos os sentidos, mas que tenha uma extensão dupla, ou seja de oito pés. Ainda pensás que se forma sobre a linha dupla?

ES CRAVO

Penso que sim.

SÓCRATES

Se acrescentarmos a esta linha outra do mesmo comprimento, a nova linha não será dupla da primeira?

ES CRAVO

Sem dúvida.

SÓCRATES

Então, o espaço de oito pés construir-se-á sobre esta nova linha, traçando quatro linhas semelhantes?

ES CRAVO

Sim.

SÓCRATES

Tracemos, então, quatro linhas semelhantes a esta. Chamas a isto um espaço de oito pés?

ES CRAVO

Sim.

SÓCRATES

Mas este novo quadrado não compreende outros quatro, cada um dos quais é igual ao primeiro, que mede quatro pés?

46

ES CRAVO

Sim.

SÓCRATES

Então qual é a grandeza dele? Não é quatro vezes maior?

ES CRAVO

Sem dúvida.

SÓCRATES

Mas o que é quatro vezes maior, é duplo?

ES CRAVO

Não, por Zeus!

SÓCRATES

Então que é?

ES CRAVO

Quádruplo.

SÓCRATES

Portanto, meu rapaz, com a linha dupla não se forma um espaço duplo, mas sim quádruplo.

ES CRAVO

É verdade.

SÓCRATES

Quatro vezes quatro, não são dezasseis?

ES CRAVO

Sim.

47

SÓCRATES

Que linha nos dará, então, um espaço de oito pés? Não foi com esta que se formou o espaço quádruplo?

ESCRAVO

Foi.

SÓCRATES

E o espaço de quatro pés, não se forma com a linha que é metade da anterior?

ESCRAVO

Sim.

SÓCRATES

Bem. O espaço de oito pés, não é duplo deste, e metade daquele?

ESCRAVO

Sem dúvida.

SÓCRATES

Não se formará, então, com uma linha maior do que esta e mais pequena do que aquela? Que te parece?

ESCRAVO

Parece-me que sim.

SÓCRATES

Muito bem. Responde sempre conforme a tua opinião. Mas diz-me: esta primeira linha não media dois pés, e esta outra quatro?

ESCRAVO

Sim.

SÓCRATES

É necessário, portanto, que a linha do espaço de oito pés seja mais comprida que a de dois pés, e mais curta que a de quatro.

ESCRAVO

Sim, é necessário.

SÓCRATES

Vê se me podes dizer qual a sua extensão. *ℓ*

ESCRAVO

Três pés.

SÓCRATES

Para esta linha medir três pés, teremos que lhe acrescentar metade do seu comprimento: quer dizer, um pé aos dois pés. Agora, a este outro lado, juntemos também mais um, aos dois pés. Formamos assim o espaço de que falas.

ESCRAVO

Sim.

SÓCRATES

Mas se o espaço tem três pés por este lado e três por aquele não será de três vezes três pés?

ESCRAVO

Assim parece.

SÓCRATES

E três vezes três pés quantos são?

ESCRAVO

Nove pés.

SÓCRATES

Mas quantos pés deveria ter a superfície, para ser dupla da primeira?

ESCRAVO

Oito

SÓCRATES

Então o espaço de oito pés também se não forma com a linha de três pés?

ESCRAVO

É verdade que não.

SÓCRATES

Então com que linha se forma? Trata de no-lo dizer ao certo; e, se não queres exprimi-la em números, indica-a na figura.

ESCRAVO

Por Zeus! Sócrates, não sei.

SÓCRATES

Viste, Ménon, o percurso que ele fez no caminho da reminiscência? A princípio, sem saber qual é o lado do quadrado de oito pés (e ainda o não sabe) julgava sabê-lo, e respondia com segurança, como se o soubesse, sem suspeitar da sua ignorância. Agora, já avalia a dificuldade, e, embora não saiba, ao menos já não supõe que sabe.

MÉNON

É verdade.

SÓCRATES

Não estará agora em melhor disposição relativamente às coisas que ignorava?

MÉNON

Concordo.

SÓCRATES

Compelindo-o a duvidar e entorpecendo-o, como faz a tremelga, causámos-lhe algum mal?

MÉNON

Creio que não.

SÓCRATES

Pelo contrário, facilitámos-lhe a marcha para descobrir a verdade, porque daqui em diante, embora não saiba, terá o prazer de investigar, ao passo que anteriormente não vacilaria em afirmar e repetir perante uma multidão, com inteira confiança, que o duplo dum quadrado se forma sobre o dobro do lado.

MÉNON

É provável.

SÓCRATES

Julgas que ele se preocuparia a investigar ou a aprender o que supunha saber, conquanto o não soubesse antes de começar a duvidar, e, convicto da sua ignorância, sentisse o desejo de saber?

MÉNON

Penso que não, Sócrates.

SÓCRATES

O entorpecimento tornou-se-lhe, desta maneira, proveitoso.

MÉNON

Parece que sim.

SÓCRATES

Observa agora o que, partindo da dúvida, descobrirá comigo, sem eu lhe ensinar nada, pois tenciono apenas interrogá-lo. Vê se consegues surpreender-me a ensinar-lhe ou a explicar-lhe alguma coisa, em vez de me limitar a pedir a sua opinião. *(Ao escravo)* Tu, diz-me: Este espaço não é de quatro pés? Compreendes?

ES CRAVO

Sim.

SÓCRATES

Poderemos juntar-lhe mais este, que lhe é igual?

ES CRAVO

Porque não?

SÓCRATES

E um terceiro, idêntico aos outros dois?

ES CRAVO

Sim.

52

SÓCRATES

Não podemos completar a figura colocando este outro espaço naquele ângulo?

ES CRAVO

Sem dúvida.

SÓCRATES

Não teremos assim quatro espaços iguais?

ES CRAVO

Sim.

SÓCRATES

E todos juntos, quantas vezes são maiores do que este só?

ES CRAVO

Quatro vezes.

SÓCRATES

Mas nós queríamos apenas um espaço duplo, lembraste?

ES CRAVO

Efectivamente.

SÓCRATES

Estas linhas que vão de um ângulo a outro (diagonalmente) não dividem em dois cada um destes espaços? 85

ES CRAVO

Sim.

53

SÓCRATES

Não obtemos quatro linhas iguais que limitam um novo espaço?

ESCRAVO

Assim é.

SÓCRATES

Repara bem. Qual será a grandeza deste espaço?

ESCRAVO

Não sei.

SÓCRATES

Estas linhas (diagonais) não dividem ao meio cada um dos quatro espaços? Sim, ou não?

ESCRAVO

Sim.

SÓCRATES

Quantos desses espaços semelhantes há no espaço do meio?

ESCRAVO

Quatro.

SÓCRATES

E neste aqui, quantos há?

ESCRAVO

Dois.

SÓCRATES

Que vem a ser quatro, em relação a dois?

ESCRAVO

O dobro.

SÓCRATES

Então, quantos pés mede este espaço?

ESCRAVO

Oito pés.

SÓCRATES

E sobre que linha se construiu?

ESCRAVO

Sobre esta.

SÓCRATES

A linha que vai de um ângulo a outro, no espaço de quatro pés?

ESCRAVO

Sim.

SÓCRATES

Pois a esta linha os sofistas chamam diâmetro⁷. Se tal é o seu nome, o espaço duplo forma-se, como dizes, escravo de Ménon, sobre o diâmetro.

ESCRAVO

É verdade, Sócrates.

⁷ A diagonal.

SÓCRATES

Que te parece, Ménon? Deu alguma resposta que não fosse propriamente sua?

MÉNON

Nenhuma; falou por si mesmo.

SÓCRATES

Contudo, não sabia, como anteriormente verificámos.

MÉNON

É certo.

SÓCRATES

Então estas opiniões existiam nele ou não?

MÉNON

Existiam nele.

SÓCRATES

Portanto, quem não sabe tem em si opiniões verdadeiras acerca daquilo que ignora.

MÉNON

Assim parece.

SÓCRATES

As opiniões verdadeiras despertam nele como um sono. Se o interrogares a respeito de diversas maneiras acerca dos mesmos assuntos, podes estar certo de que chegará a possuir um conhecimento tão exacto como o mais sabedor.

MÉNON

É provável.

SÓCRATES

Por consequência, poderá saber sem que ninguém o ensine, mediante um simples interrogatório, encontrando em si mesmo a ciência, no seu próprio interior?

MÉNON

Sim.

SÓCRATES

Mas, encontrar em si mesmo a ciência, não será recordar-se?

MÉNON

Sem dúvida.

SÓCRATES

E não será certo que o teu escravo adquiriu alguma vez a ciência que possui, ou que a possuiu sempre?

MÉNON

Sim.

SÓCRATES

Mas, se a tivesse possuído sempre, teria sido sempre sábio; e, se a adquiriu, não foi, seguramente, nesta existência. Ou recebeu, porventura, lições de geometria? Descobrirá da mesma forma, as outras partes da geometria e todas as outras ciências. Ter-lhe-ia alguém ensinado tudo isto? Deves sabê-lo, visto que nasceu e se criou em tua casa.

MÉNON

Tenho a certeza de que ninguém lho ensinou.

SÓCRATES

Contudo, eram dele ou não as opiniões que lhe ouvimos?

MÉNON

Eram dele, incontestavelmente; Sócrates.

SÓCRATES

Logo, se as não adquiriu na vida actual, não será forçosamente admitir que as adquiriu anteriormente, e que aprendeu antecipadamente o que sabe?

MÉNON

Assim parece.

SÓCRATES

Quando? No tempo em que ainda não era homem?

MÉNON

Provavelmente.

SÓCRATES

Por conseguinte, se desde que é homem, e já antes de o ser, tem em si opiniões verdadeiras que se convertem em ciência quando despertadas pelo interrogatório, não será verdade que a sua alma as possuiu sempre? Está bem de ver que, em toda a extensão do tempo, ou é homem ou não é.

MÉNON

Evidentemente.

SÓCRATES

Portanto, se a verdade das coisas existe sempre na nossa alma, esta há-de ser imortal. É necessário, pois, que procuremos investigar e recordar corajosamente, aquilo que, de momento, não sabes, quero dizer, aquilo que esqueceste, e que nos forcemos por despertar a sua lembrança.

MÉNON

Não saberia explicar-te como, Sócrates, mas parece-me que tens razão.

SÓCRATES

A mim, afigura-se-me a mesma coisa, Ménon. Para falar verdade, não me atreveria a garantir tudo quanto disse. Mas estou disposto a sustentar com palavras e obras, até onde puder, que a persuasão de que devemos indagar o que ignoramos nos tornará melhores, mais tenazes e menos indolentes, do que a opinião de que é impossível descobrir a verdade e inútil procurá-la.

MÉNON

Nesse ponto concordo contigo, Sócrates.

SÓCRATES

Então, visto estarmos de acordo em reconhecer que se deve procurar saber o que se ignora, queres investigar comigo em que consiste a virtude?

MÉNON

Da melhor vontade. Contudo, Sócrates, gostaria que voltássemos à pergunta que primeiro te fiz; e assim examinaria e discutiríamos se a virtude deve ser considerada uma coisa susceptível de ensino, ou se é um dom da

natureza, ou ainda de que maneira podem adquiri-la os homens.

SÓCRATES

Se eu tivesse alguma autoridade sobre ti, Ménon, e sobre mim próprio, não investigaríamos se a virtude é ou não susceptível de ser ensinada, antes de examinarmos o que ela é em si mesma. Mas como tu, sem dúvida com o fim de ser livre, não empregas o menor esforço para te dominar e, por outro lado, pretendes dominar-me a mim, como de facto dominas, estou resolvido a ceder. Não há outro remédio. Vamos, pois, examinar as qualidades de uma coisa cuja natureza desconheçamos. Mas, embora não queiras obedecer-me em nada, cedo ao menos um pouco do predomínio que exerces sobre mim, e permite-me que procure por meio de hipóteses, se a virtude pode ser ensinada, ou se se adquire de qualquer outra maneira. Quando digo, «por meio de hipóteses», subentendo o método de investigação empregado pelos géometras. Estes, quando os interrogam acerca dum dado espaço, inquirindo, por exemplo, se é possível inscrever uma dada figura triangular em determinado círculo, respondem: «Ainda não sei se é possível, mas, estabelecendo a hipótese seguinte, chegaremos talvez à solução do problema: Se essa figura é tal que descrevendo um círculo sobre as suas linhas dadas, fique tanto espaço fora do círculo como na própria figura, obteremos este resultado, e, se não for assim, obteremos outro. Estabelecida esta hipótese, poderei dizer-te o que acontece a respeito da inscrição da figura no círculo, e se essa inscrição é ou não possível.» Analogamente, visto desconheçermos a natureza da virtude e as suas propriedades, examinemos hipoteticamente se ela pode ou não ser ensinada, por exemplo, da maneira

seguinte: conforme a virtude for uma coisa ou outra em relação à alma, assim poderá ou não ser ensinada. Em primeiro lugar, se for de natureza diferente da da ciência, pode ou não ser ensinada ou, como dizíamos há pouco, lembrada? Não importa fixar qual destas expressões usaremos. Neste caso, pode a virtude ser ensinada? ou, melhor, não é evidente ser a ciência a única coisa que o homem pode aprender?

MÉNON

Julgo que sim.

SÓCRATES

Logo, se a virtude é uma ciência, é evidente que se pode ensinar.

MÉNON

Incontestavelmente.

SÓCRATES

Depressa resolvemos este ponto; se a virtude é assim, pode ser objecto de ensino; senão, não.

MÉNON

Decerto.

SÓCRATES

Agora, apresenta-se outra questão ao nosso exame: se a virtude é uma ciência, ou se difere da ciência.

MÉNON

Parece-me que é isso, justamente, o que devemos procurar.

SÓCRATES

Mas não dissemos que a virtude é um bem? e não nos mantemos firmes nessa hipótese?

MÉNON

Sem dúvida.

SÓCRATES

Portanto, se existe alguma espécie de bem, distinto da ciência, será verosímil que a virtude não seja uma ciência, mas, se não há nenhuma espécie de bem que a ciência não abranja, teremos razão para admitir que a virtude é uma espécie de ciência.

MÉNON

É exacto.

SÓCRATES

É a virtude que nos torna bons?

MÉNON

Sim.

SÓCRATES

Se formos bons, seremos também úteis, porque tudo o que é bom é útil. Não é assim?

MÉNON

É.

SÓCRATES

Então a virtude é útil.

MÉNON

É uma consequência do que admitimos.

SÓCRATES

Examinemos, então, quais as coisas que nos são úteis, analisando-as em pormenor. A saúde, a força, a beleza, a riqueza, e outras coisas análogas, são consideradas úteis, não é verdade?

MÉNON

Sim.

SÓCRATES

Também dizemos que estas mesmas coisas são, às vezes, nocivas. Tens outra opinião?

MÉNON

Não, penso da mesma forma.

SÓCRATES

Examina porque nos é útil cada uma dessas coisas, e porque nos é prejudicial. Não serão úteis quando fazemos bom uso delas, e prejudiciais quando fazemos mau uso?

MÉNON

Certamente.

SÓCRATES

Examinemos agora as qualidades da alma. Não existem qualidades a que chamas temperança, justiça, coragem, agudeza de espírito, memória, generosidade, e assim sucessivamente?

MÉNON

Sim.

SÓCRATES

Vê se alguma dessas qualidades não te parece ciência, mas sim outra coisa. Não são umas vezes nocivas e outras vezes proveitosas? Por exemplo, a coragem, desprovida de prudência, é simplesmente audácia. Não é verdade que sermos imprudentemente audazes redundando em nosso prejuízo, e, pelo contrário, em proveito quando a prudência acompanha o valor?

MÉNON

Sim.

SÓCRATES

Não sucede o mesmo com a temperança e com a agudeza de espírito, que são úteis quando as empregamos com prudência, e prejudiciais quando nos servimos delas imprudentemente?

MÉNON

Sem dúvida.

SÓCRATES

Não é verdade, em geral, com respeito a tudo o que a alma faz ou suporta, que tudo conduz à sua felicidade se for conduzida pela prudência, e à desdita se não se reger por ela?

MÉNON

Assim parece.

SÓCRATES

Logo, se a virtude é uma qualidade da alma e se é indispensável que seja útil, torna-se necessário que consista na prudência. Com efeito, se as outras faculdades da

alma não são, por si mesmas, úteis nem prejudiciais e o são ou deixam de ser conforme andem ou não acompanhadas da prudência, conclui-se que a virtude, sendo útil, deve ser uma espécie de prudência.

MÉNON

Assim o julgo.

SÓCRATES

E quanto às restantes coisas, como a riqueza e outras semelhantes, que dissemos serem umas vezes úteis e outras prejudiciais, não concordas comigo em que, assim como a prudência, quando guia as outras qualidades da alma, as torna úteis, e a imprudência nocivas, também a alma faz as outras coisas úteis, quando as usa e governa bem, e prejudiciais quando as emprega mal?

MÉNON

Indiscutivelmente.

SÓCRATES

Mas a alma prudente governa bem e a imprudente governa mal.

MÉNON

É certo.

SÓCRATES

Não poderá dizer-se, em geral, que tudo, no homem, para ser proveitoso, deve submeter-se à alma, e tudo o que à alma pertence deve submeter-se à prudência, única maneira de esta ser útil? Em suma, assentámos em que a virtude é útil também.

MÉNON

Está claro.

SÓCRATES

Podemos dizer então que a prudência é, forçosamente, ou toda a virtude, ou uma parte dela.

MÉNON

Tudo isso me parece exacto, Sócrates.

SÓCRATES

Mas, sendo assim, concluir-se-á que os homens não são bons por natureza?

MÉNON

Aparentemente, não.

SÓCRATES

Nesse caso, vejamos o que sucederia. Se os homens de bem o fossem por natureza, haveria entre nós quem se dedicasse a descobrir os jovens essencialmente bons; e, depois de no-los indicarem, recebê-los-íamos das suas mãos e metê-los-íamos na Acrópole, guardando-os com mais cuidado do que se fosse ouro, para que ninguém os corrompesse e, depois de homens, fossem úteis à pátria.

MÉNON

Provavelmente, Sócrates.

SÓCRATES

Mas se os homens bons não o são por natureza, poderão sê-lo graças à educação?

MÉNON

É forçoso que assim seja; além disso, Sócrates, é evidente, pela nossa hipótese, que a virtude, se é uma ciência, pode aprender-se.

SÓCRATES

Por Zeus! talvez assim seja. Mas receio que tenhamos feito mal em assentar nisso.

MÉNON

Contudo, ainda há pouco nos parecia que tínhamos feito bem em reconhecê-lo.

SÓCRATES

Para ser inabalável o que dizemos não basta que assim nos pareça no momento em que o enunciamos; deve continuar a parecê-lo, agora e sempre.

MÉNON

Então por que motivo repudias aquele parecer e não crês que a virtude seja ciência?

SÓCRATES

Tentarei explicar-to. Não considero erróneo que a virtude seja susceptível de ser ensinada, se for uma ciência; mas vê se terei razão para duvidar de que ela o seja. Diz-me, Ménon, se uma coisa qualquer, referindo-nos unicamente à virtude, for de natureza a ser ensinada não haverá, por força, mestres e discípulos dela?

MÉNON

Julgo que sim.

SÓCRATES

Pelo contrário, se uma coisa não comporta mestres nem discípulos, não teremos razão para supor que o seu ensino é impossível?

MÉNON

Isso é verdade. Mas julgas que não haja mestres de virtude?

SÓCRATES

Pelo menos, tenho-os procurado insistentemente e, depois de todas as pesquisas possíveis, não consegui encontrá-los, apesar de ter efectuado essas pesquisas com a ajuda de muita gente, em especial daqueles que julgo mais versados no assunto. Olha, Ménon, nem de propósito: Ali vem Ânito⁸, que chega no momento oportuno para se sentar junto de nós. Convidemo-lo a tomar parte na nossa análise. Temos bastantes motivos para isso: em primeiro lugar, Ânito é filho de um homem rico e discreto, Antémion, que não deve os seus cabedais à sorte nem à liberalidade alheia como Isménias o tebano, que herdou, há pouco tempo, todos os bens de Policrates, mas os adquiriu pela sua habilidade e esforço. Por outro lado, Antémion não é nada arrogante, faustoso nem desdenhoso, mas sim, um cidadão morigerado e de boas maneiras. Além disso, educou e formou muito bem o filho, pelo menos na opinião comum dos atenienses, como se demonstra pelo o facto de o terem designado para os mais altos cargos. Com homens assim é que convém indagar se há ou não mestres de virtude, e quem são. Ajuda-nos pois, Ânito, a

⁸ Um dos acusadores, no processo movido contra Sócrates.

mim e a Ménon, teu hóspede, nas nossas pesquisas relativas aos que ensinam a virtude. Pondera o caso desta maneira: Se pretendermos fazer de Ménon um bom médico, que mestres lhe havemos de dar? Não devem ser médicos?

ÂNITO

Sem dúvida.

SÓCRATES

Pois claro! Se nos propuséssemos fazer dele um bom sapateiro, não o mandaríamos para uma oficina de sapateiro?

ÂNITO

Sim.

SÓCRATES

E não seguiríamos sempre a mesma orientação?

ÂNITO

Indiscutivelmente.

SÓCRATES

Agora responde também às perguntas que ainda preciso fazer-te acerca do assunto: Dissemos que teríamos razão em dar-lhe médicos por mestres, se quiséssemos fazer dele um médico. Ora isto não equivale a dizer que seria prudente confiá-lo àqueles que se têm na conta de hábeis naquela arte, que recebem salário por esse motivo oferecendo-se como mestres em tais condições a quem queira aprender com eles, em vez de entregá-lo aos cuidados de quem não exerça tal profissão?

ÂNITO

Sim.

SÓCRATES

Não acontece o mesmo com a arte de tocar flauta e com as outras artes? Se quiséssemos fazer de alguém um tocador de flauta, seria rematada loucura não o mandar aprender com aqueles cuja profissão é ensinar essa arte e exigem dinheiro por isso, e importunarmos outros, querendo aprender com eles o que presumem não poder ensinar, embora não tenham nenhum discipulo na ciência que pretendemos que ensinem. Não te parece que seria absurdo?

ÂNITO

Certamente que sim, e também ignorância.

SÓCRATES

Tens razão. Já vejo que podes deliberar comigo acerca de Ménon, teu hóspede. Há muito tempo, Ânito, que ele me manifesta um grande desejo de adquirir esse saber e virtude, graças aos quais os homens governam bem a sua família e a sua pátria, prestam a seus pais os devidos cuidados e sabem receber e despedir os cidadãos e os estrangeiros, como é próprio dum homem de bem. Vê lá então, para quem devemos encaminhá-lo, a fim de adquirir tal saber. Não será evidente, pelo que há pouco dizíamos, que deve ser para aqueles cuja profissão é ensinar a virtude, e se oferecem publicamente como mestres a todos os gregos que queiram aprendê-la, em troca dum salário determinado que exigem aos discípulos?

ÂNITO

E quem são eles, Sócrates?

SÓCRATES

Sabes tão bem como eu, sem dúvida, que são os sofistas.

ÂNITO

Por Hércules! Dobra essa língua, Sócrates! Que nenhum dos meus parentes, aliados, amigos, concidadãos ou estrangeiros, seja tão insensato que vá deitar-se a perder com tal gente. Os sofistas são, manifestamente, a peste e o flagelo de quem os frequenta.

SÓCRATES

Que dizes, Ânito? Pois quê! Entre todos aqueles cuja profissão é ser úteis aos homens, serão os sofistas os únicos que, em vez de melhorarem quem se lhes confia, como fazem os outros, ainda por cima o tornam pior? E atrevem-se a exigir, descaradamente, dinheiro por isso? Na verdade, custa-me a acreditar nas tuas palavras, porque conheço um homem, Protágoras, que juntou mais dinheiro com o ofício de sofista do que Fídias, a quem devemos não formosas obras, e mais dez estatúas juntos. Realmente, o que dizes é muito estranho: se os que remendam sapatos e roupas usadas os deixassem em pior estado do que os recebiam, toda a gente daria por isso ao cabo de um mês, o mais tardar, e os remendões morreriam de fome, ao passo que Protágoras corrompeu aqueles que o frequentavam, deixando-os por fim, em pior estado do que os recebeu, sem haver, em toda a Grécia, quem suspeitasse disso, nem ao de leve. E isto durante mais de quarenta anos, porque, se me não engano, morreu quando contava uns setenta anos, depois de ter consumido quarenta no exercício da sua profissão, sem que em todo esse tempo, até ao dia da sua morte, deixasse de gozar uma grande reputação. E

92
não só Protágoras, mas muitos outros, alguns que viveram antes dele, e outros ainda vivos. Supondo exacto o que dizes, que havemos de pensar deles? Que enganam e corrompem conscientemente a juventude, ou que desconhecem totalmente o mal que lhe fazem? havemos de considerar insensatos até esse extremo, homens que passam, na opinião de alguns, por ser os mais sábios?

ÂNITO

Não são insensatos, Sócrates, nem nada que se pareça. Insensatos são os jovens que lhes pagam; mais ainda os pais desses jovens, que lhes confiam; e, acima de tudo, as cidades que lhes permitem aportar a elas e não expulsam todo o estrangeiro ou qualquer cidadão, que faça profissão de tal ofício.

SÓCRATES

Foste prejudicado por algum desses sofistas, Ânito? Ou é por qualquer outro motivo que te mostras tão mal disposto contra eles?

ÂNITO

Por Zeus! nunca convivi com nenhum deles, nem permitiria que alguém dos meus se aproximasse deles.

SÓCRATES

Não tens, então, nenhuma experiência de tal gente?

ÂNITO

E oxalá que nunca a tenha!

SÓCRATES

Mas como podes saber, meu caro, se uma coisa é boa ou má, sem ter experiência dela?

ÂNITO

Muito facilmente, com experiência deles ou sem ela, sei o que são.

SÓCRATES

Serás tu adivinho, Ânito? Pelo que disseste, surpreender-me-ia que os conhecimentos doutra maneira. Seja porém como for, não procuremos homens cujo convívio tornaria Ménon pior. Admitamos, se quiseres, que é esse o carácter dos sofistas. Mas aconselha-nos ao menos, e presta a um amigo da tua família o serviço de lhe indicares a quem deve dirigir-se numa cidade tão grande como Atenas, para se aperfeiçoar no género de virtude a que me referi.

ÂNITO

Porque não lho indicas tu?

SÓCRATES

Já lhe indiquei aqueles que reputava mestres no que diz respeito à virtude; mas, a acreditar-te, não disse nada que se aproveite; e, sem dúvida, não te enganas. Indica, pois, tu qualquer ateniense, o primeiro de que te lembres, a quem ele possa dirigir-se.

ÂNITO

Que necessidade há de que lhe indique determinada pessoa? Não tem mais que dirigir-se a qualquer ateniense virtuoso: nenhum deles deixará de o tornar melhor do que o faria qualquer sofista, se quiser escutar os seus conselhos.

SÓCRATES

E esses homens virtuosos chegaram a sê-lo, por si mesmos, sem ter recebido lições de ninguém, encontrando-

93 -se, apesar disso, em condições de ensinar aos outros o que eles próprios não aprenderam?

ÂNITO

Eu entendo que eles foram instruídos pelos que os preceberam, que também eram virtuosos. Ou supões que esta cidade não foi berço de grande número de cidadãos apreciáveis pelas suas virtudes?

SÓCRATES

Creio, Ânito, que há grandes estadistas nesta cidade, e que também os houve outrora, não menos do que hoje. Mas foram bons mestres da sua própria virtude? É dito que estamos tratando, e não de saber se há ou não há aqui homens virtuosos ou se os houve noutro tempo. Há pedaço que estamos investigando se a virtude pode ser ensinada. Essa investigação levou-nos a indagar se os grandes homens do presente e do passado, tiveram o talento de comunicar a outros a virtude que os exalçava, ou se essa virtude não pode transmitir-se a ninguém, nem passar de um homem para outro por via de ensino. É este problema que há bocado nos ocupa, a Ménon e a mim. Examina tu o caso, desta maneira, cingindo-te ao teu raciocínio. Não te parece que Temístocles era um homem de bem?

ÂNITO

Sim, e mais do que qualquer outro.

SÓCRATES

Logo, se existiu alguém capaz de ensinar bem a sua própria virtude, foi Temístocles?

ÂNITO

Evidentemente, se se tivesse dedicado a isso.

SÓCRATES

2 Mas crês que ele não tenha querido tornar virtuosos outros cidadãos, principalmente o filho? Ou supões que lhe tinha inveja e lhe não transmitiu propositadamente a virtude que o distinguia? Não tens ouvido dizer que Temístocles ensinou seu filho Cleofanto a ser um bom ginete? Tão bom que se sustinha de pé em cima dum cavalo, lançando o dardo nessa posição, e praticava muitas outras façanhas de maravilhosa destreza que seu pai lhe ensinara, ao mesmo tempo que o instruíra, com proveito, nas restantes coisas que os melhores mestres sabem ensinar? Não é isto que tens ouvido contar aos velhos?

ÂNITO

É verdade.

SÓCRATES

Evidentemente, não pode dizer-se que o filho não tivesse aptidões naturais.

ÂNITO

Provavelmente, não.

SÓCRATES

Pois bem! Já alguma vez ouviste dizer a qualquer cidadão, novo ou velho, que Cleofanto, filho de Temístocles, se tenha distinguido nas mesmas coisas que nobilitaram seu pai?

ÂNITO

Isso nunca ouvi dizer.

SÓCRATES

Então, se a virtude pudesse ensinar-se, havíamos de admitir que Temístocles procurasse que seu filho aprendesse tudo o mais, e, em contraposição, o não tivesse tornado mais exímio do que os seus concidadãos na virtude que ele mesmo possuía?

ÂNITO

Não, por Zeus!

SÓCRATES

Já vês que mestre de virtude foi esse homem que, segundo tu mesmo declaras, ocupa um lugar de relevo entre os mais famosos do século passado. Examinaremos agora, outro caso semelhante: o de Aristides, filho de Lisímaco. Não achas que foi um homem virtuoso?

ÂNITO

Virtuosíssimo.

SÓCRATES

Aristides também deu a seu filho Lisímaco uma educação esmerada, como nenhum outro ateniense recebeu, no que depende dos mestres. E parece-te que tenha seguido torná-lo mais homem de bem do que qualquer outro? Tu conviveste com ele e sabes como é. Consideremos ainda, se quiseres, o caso de Péricles, homem de tão extraordinário mérito. Não ignoras que educou dois filhos: Paralo e Xantipo.

ÂNITO

Sim.

SÓCRATES

Sabes também que fez deles dois dos melhores ginetes de Atenas; que os instruiu na música, na ginástica e em tudo o que pertence aos domínios da arte, a tal ponto que ninguém os excede. E não teria querido fazer deles homens virtuosos? Sem dúvida que sim; mas, ao que parece, isso não pode ensinar-se. Para que não suponhas que foi impossível apenas a um pequeno número de atenienses, ou aos mais obscuros, lembra-te de Tucídides que também educou dois filhos, Melésias e Estéfano; instruiu-os muito bem em tudo o mais, e até lutavam com mais destreza que qualquer outro ateniense. Confiara um deles a Xântias e o outro a Eudoro, que passavam por ser os melhores lutadores da sua época. Recordas-te?

ÂNITO

Sim, lembro-me de o ter ouvido dizer.

SÓCRATES

Então, se a virtude pudesse ensinar-se, não é evidente que Tucídides, que mandara seus filhos aprender coisas que o obrigavam a pesadas despesas, não teria deixado, de modo algum, de os ensinar a serem virtuosos, custasse o que custasse? Podias talvez objectar-me que Tucídides era um cidadão de humilde condição, que não contava muitos amigos entre os atenienses e seus aliados; mas, pelo contrário, pertencia a uma das principais famílias, e gozava de considerável apreço na sua cidade e entre os restantes gregos. Portanto, se a virtude pudesse ensinar-se, Tucídides, facilmente encontraria entre os seus concidadãos, ou entre os estrangeiros, quem tornasse virtuosos seus filhos, admitindo que as suas ocupações públicas lhe não deixassem tempo para

o fazer ele próprio. Por tudo isto, receio, caro Ânito, que a virtude não possa ensinar-se.

ÂNITO

Pelo que vejo, Sócrates, dizes mal dos homens, com excessiva liberalidade. Se quisesses atender-me, aconselhar-te-ia a seres mais reservado porque se é fácil, em qualquer outra cidade, fazer mais mal do que bem a quem quer que seja, nesta é muito mais fácil. Creio que sabes alguma coisa a este respeito.

SÓCRATES

Ménon! Ânito está indignado. Não me admiro porque, em primeiro lugar, imagina que falo mal desses grandes homens; e depois, porque se julga um deles. Mas, se alguma vez chega a saber o que é denegrir, acalmar-se-á; por enquanto desconhece-o. Diz-me tu, pois: não há também homens virtuosos, entre nós?

MÉNON

Seguramente.

SÓCRATES

E então? querem ser mestres de virtude dos jovens, gabam-se de o ser, reconhecem, ao menos, que a virtude possa ensinar-se?

MÉNON

Não, por Zeus, Sócrates; umas vezes dizem que a virtude pode ensinar-se, e outras que não.

SÓCRATES

Havemos então de considerar mestres de virtude pessoas que não sabem, sequer, se tal ensino é possível?

MÉNON

Creio que não, Sócrates.

SÓCRATES

Muito bem: Sê-lo-ão, no teu entender, os sofistas, únicos que se reputam mestres no que diz respeito à virtude?

MÉNON

O que mais me agrada em Górgias, Sócrates, é que nunca se lhe ouvem tais promessas. Pelo contrário: zomba dos que se gabam de poder ensinar a virtude. No que lhe respeita, somente se gaba de poder aperfeiçoar os discípulos na arte da palavra.

SÓCRATES

Visto isso, não crês que os sofistas sejam mestres de virtude?

MÉNON

Não sei que responder-te, Sócrates. Nesse particular, estou no caso de muitos outros: umas vezes parece-me que sim, e outras que não.

SÓCRATES

Sabes que tu e os outros políticos não sois os únicos a pensar umas vezes que a virtude se pode ensinar e outras que não, e que o poeta Teognis faz o mesmo?

MÉNON

Em que versos?

SÓCRATES

Nas elegias, escreve: «Bebe e come com aqueles cujo poder é grande; mantém-te a seu lado e faz por agrada-los».

dar-lhes, porque aprenderás boas coisas no convívio dos bons. Se frequentares os maus perderás até o juízo.» Já vêes que nestes versos se exprime como se a virtude pudesse ensinar-se.

MÉNON

Parece-me que sim.

SÓCRATES

Mas agora vais ouvir outros versos, um tanto diferentes: «Se se pudesse infundir inteligência ao homem...» E acrescenta, referindo-se àqueles que fossem capazes de tal: «Obteriam por esse motivo, e em toda a parte, grandes quantidades de dinheiro. Nunca os filhos de pais virtuosos seriam maus, desde que escutassem os seus sábios conselhos. Contudo, não tornarás bom quem for mau, por mais lições que lhe dê.» Reparas como se contradiz a respeito das mesmas coisas?

MÉNON

Realmente, assim parece.

SÓCRATES

Poderás dizer-me se há alguma outra coisa como esta acerca da qual os que fazem profissão de ensiná-la, longe de serem considerados mestres dos outros nesse ponto, passem, pelo contrário, por não a saberem também e por serem péssimos naquilo que se gabam de conhecer, enquanto aqueles que são unanimemente considerados peritos e homens de bem dizem, umas vezes, que ela pode ser ensinada, e outras vezes que não? Reconhecerias como mestres, em qualquer matéria, homens tão manifestamente em desacordo consigo mesmos?

MÉNON

Não, por Zeus!

SÓCRATES

Portanto, se nem os sofistas nem os homens de bem são mestres de virtude, claro está que o não podem ser os outros homens.

MÉNON

Assim parece.

SÓCRATES

Mas, se não há mestres, também não haverá discípulos.

MÉNON

Afigura-se-me que assim é.

SÓCRATES

Pois bem; já assentámos em que não se pode ensinar uma coisa de que não há mestres nem discípulos.

MÉNON

É certo.

SÓCRATES

E não vemos, em parte alguma, nenhum mestre de virtude.

MÉNON

É verdade.

SÓCRATES

Visto que não tem mestres, também não terá discípulos.

MÉNON

Concordo.

SÓCRATES

Logo, a virtude não pode ser ensinada.

MÉNON

Assim deve ser, se discorremos com acerto. Todavia, não compreendo que não haja homens virtuosos, ou, se os há, como chegaram a sê-lo.

SÓCRATES

Realmente, Ménon, parece que nem tu nem eu somos muito hábeis, e que não adiantámos grande coisa, nem tu com Górgias, nem eu com Pródico. Torna-se, porém, necessário cuidarmos de nós e procurarmos alguém que nos faça melhores, de qualquer maneira. Digo isto sem esquecer a discussão que tivemos e parece-me ridículo não termos notado que não é apenas a ciência que habilita os homens a resolverem bem os seus negócios. É por este motivo, sem dúvida, que não encontramos a maneira de formar homens virtuosos.

MÉNON

Que queres dizer, Sócrates?

SÓCRATES

Vais ver. Tivemos razão em admitir que os homens virtuosos são úteis e que não poderia ser doutra forma, não é assim?

MÉNON

Sim.

SÓCRATES

Mas, pelos vistos, procedemos com falta de critério quando admitimos não ser possível reger bem os nossos assuntos sem o auxílio da ciência.

MÉNON

Porquê?

SÓCRATES

Vou dizer-to. Se alguém que conhecesse o caminho para Larissa, ou para qualquer outro lugar, tomasse esse caminho e servisse de guia a outros, não é verdade que os guiaria perfeitamente?

MÉNON

Sem dúvida.

SÓCRATES

E se conjecturasse exactamente qual era o caminho, embora nunca o tivesse percorrido e o não conhecesse não guiaria igualmente bem?

MÉNON

Certamente.

SÓCRATES

Logo, se alguém tiver uma opinião verdadeira acerca dos objectos de que outro tem pleno conhecimento, não será, por esse motivo, pior condutor, embora atinja a verdade, não pela ciência, mas sim pela conjectura.

MÉNON

Não, por certo.

SÓCRATES

Portanto, a opinião verdadeira não dirige menos acertadamente do que a ciência, no que respeita à rectidão dum acto. Foi isto o que nos esquecemos de examinar, nas nossas pesquisas acerca das propriedades da virtude, quando dissemos que só a ciência ensina a proceder bem, visto que a opinião verdadeira produz os mesmos efeitos.

MÉNON

Efectivamente, assim parece.

SÓCRATES

Por conseguinte, a opinião verdadeira, não é menos útil que a ciência.

MÉNON

É menos útil, Sócrates, pois quem possui ciência chega sempre ao fim que se propôs, ao passo que, dispondo apenas da opinião verdadeira, alcança esse fim umas vezes, e outras falha-o. Que dizes? Não se chega sempre ao fim quando se tem a opinião verdadeira, desde que se proceda de acordo com as suas indicações?

MÉNON

Parece-me inegável. Mas, sendo assim, Sócrates, admiro-me de que se faça muito mais caso da ciência do que da recta opinião e de que sejam coisas diferentes.

SÓCRATES

Sabes donde vem o teu espanto, ou tenho eu que to dizer?

MÉNON

Peço-te que mo digas.

SÓCRATES

Com certeza nunca prestaste atenção às estátuas de Dédalo; provavelmente não existem, sequer, na tua cidade.

MÉNON

Porque dizes isso?

SÓCRATES

Porque essas estátuas, se as não prendeis, escampam-se-vos, ao passo que, se o fizerdes, permanecem no seu lugar.

MÉNON

A que propósito vem isso?

SÓCRATES

É tão pouco desejável ter uma dessas estátuas soítas, como um escravo que se evade, pois nem uma nem outro permanecem no seu posto. Mas, quando estão presas, são realmente belas obras, e têm muito valor. Por que veio isto a pêlo? A propósito das opiniões verdadeiras. Com efeito, estas, enquanto se mantêm no seu lugar, são uma grande coisa e trazem-nos toda a espécie de vantagens. Porém, são inconstantes e evadem-se da alma humana; de modo que não têm grande valor se as não retirermos com o conhecimento raciocinado das causas. É a isso, meu caro Ménon, que há pouco chamamos reminiscência. As opiniões, assim disciplinadas, convertem-se em ciência, e portanto, em coisa permanente. Por isso a ciência é mais preciosa que a opinião verdadeira, da qual difere em ser disciplinada.

MÉNON

Por Zeus, Sócrates, parece-me realmente importante o que dizes.

SÓCRATES

Não falo como quem sabe, seja o que for, de ciência certa, mas apenas por conjecturas. Todavia, quando digo que a opinião verdadeira é coisa diferente da ciência, não me limito a fazer uma simples conjectura. Sei bem poucas coisas, mas, se posso gabar-me de saber algumas, tenho a convicção de que esta é uma delas.

MÉNON

Com razão, Sócrates.

SÓCRATES

Pois bem! Não terei igualmente razão para sustentar que a opinião recta levará a cabo, da mesma maneira que a ciência, uma empresa que dirija?

MÉNON

Creio que falas com acerto.

SÓCRATES

Sendo assim, a opinião verdadeira não é inferior à ciência, nem menos útil do que ela em relação às acções; e, deste modo, quem dispõe da opinião verdadeira, não fica menos bem apetrechado do que quem possui a ciência.

MÉNON

Concordo com isso.

SÓCRATES

Óra bem: não admitimos que o homem virtuoso é útil?

MÉNON

Sim.

SÓCRATES

Por conseguinte, os homens virtuosos e úteis ao Estado, se existem, o são, não só graças à ciência, mas também à opinião verdadeira, e nem esta nem aquela são dons da natureza... Mas, espera: supões, proventura, que uma e outra sejam concedidas graciosamente pela natureza?

MÉNON

Nem pensar nisso.

SÓCRATES

Desde que não as recebem dela, os homens virtuosos não o serão por natureza.

MÉNON

Não, sem dúvida.

SÓCRATES

Visto que a virtude não é natural no homem, examiná-mos se podia ser ensinada.

MÉNON

Efectivamente

SÓCRATES

Não dissemos que podia ser ensinada, desde que fosse o mesmo que a ciência...?

MÉNON

Sim.

SÓCRATES

... é que seria o mesmo que a ciência, no caso de se poder ensinar?

MÉNON

É certo.

SÓCRATES

E que poderia ser ensinada se houvesse mestres de virtude, e não, se os não houvesse?

MÉNON

Exactamente.

SÓCRATES

Ora bem: concordámos em que não havia mestres de virtude.

MÉNON

É verdade.

SÓCRATES

Por consequência, reconhecemos que não pode ser ensinada, nem é ciência.

MÉNON

Sem dúvida.

SÓCRATES

Reconhecemos igualmente que é um bem.

MÉNON

Sim.

SÓCRATES

E que é bom e útil o que conduz ao bem.

MÉNON

Sim.

SÓCRATES

E que só duas coisas conduzem ao bem: a opinião verdadeira e a ciência, com o auxílio das quais o homem se conduz adequadamente, pois o que sucede por casualidade não é efeito de direcção humana, e só estas duas coisas, opinião verdadeira e ciência, dirigem o homem no bom sentido.

MÉNON

Sou da mesma opinião.

SÓCRATES

Desde que a virtude não pode ensinar-se, não se adquire com a ciência.

MÉNON

Parece que não.

SÓCRATES

Temos, pois, que uma dessas duas coisas boas e úteis, a ciência, fica à parte e não pode servir de condutora nos negócios políticos.

MÉNON

Penso que não.

SÓCRATES

Por conseguinte, nem Temístocles, nem os outros de quem Ânito falava há pouco, governaram os Estados

mercê de certa sabedoria, nem por serem sábios. Pela mesma razão não puderam converter os outros no que eles eram, posto que o não eram por ciência.

MÉNON

Parece que é como dizes, Sócrates.

SÓCRATES

Portanto, se não é a ciência, deve ser a opinião verdadeira o que dirige os políticos na boa administração dos Estados, porque a sua disposição relativamente aos conhecimentos não difere, em nada, da dos profetas e adivinhos inspirados. Estes, com efeito, anunciam muitas coisas verdadeiras, mas sem conhecerem nada das coisas de que falam.

MÉNON

Provavelmente.

SÓCRATES

E aqueles que, desprovidos de inteligência, triunfam rapidamente na acção e por meio da palavra, não merecem que lhes chamemos divinos?

MÉNON

Certamente.

SÓCRATES

Temos, pois, razão em chamar divinos aos profetas e augures: de que acabamos de falar e a todos aqueles a quem domina o delírio poético; e com o mesmo fundamento, pelo menos, podemos conferir este título aos políticos, considerando-os como homens possuídos de entusiasmo, inspirados e animados pela divindade,

quando triunfam ao falar de múltiplos negócios importantes, sem possuir ciência alguma do que dizem.

MÉNON

Certamente.

SÓCRATES

Também as mulheres, Ménon, chamam divinos aos homens virtuosos, e os lacedemónios, quando querem elogiar um homem de bem, dizem que é um homem de vinho.

MÉNON

Têm razão, Sócrates, muito embora as tuas palavras desagradem, talvez, a Ânito.

SÓCRATES

Pouco me importa; noutra ocasião, Ménon, falarei com ele. Pelo que nos diz respeito, se durante a nossa conversa examinámos bem o caso, e falámos como devíamos, conclui-se que a virtude não é natural no homem nem pode aprender-se, mas que se adquire por fluência divina, sem necessidade de inteligência por parte de quem a possui, a não ser que nos mostrem algum político capaz de transmitir a sua habilidade a qualquer pessoa. Se houver algum, diremos que é, entre os vivos, o mesmo que Tírésias é entre os mortos, segundo conta Homero, que diz ser este adivinho «o único sábio dos infernos», e que «os outros são apenas sombras que vagueiam ao acaso.»⁹ Esse homem seria, em relação a todos os outros, no que respeita à virtude, o que a realidade é em relação à sombra.

MÉNON

Dizes muito bem, Sócrates.

SÓCRATES

Deduz-se, por conseguinte, deste arrazoado, Ménon, que a virtude surge por dom divino naqueles que a possuem. Mas não atingiremos a verdade acerca deste tema se, antes de examinar como aparece nos homens, não averiguarmos o que ela é em si mesma. Agora, tenho que sair. Trata de persuadir Ânito, o teu hospedeiro, das coisas de que ficas convencido, para se tornar mais acessível, tanto mais que, se conseguires convencê-lo, prestarás um bom serviço aos atenienses.

